

O barroco dentro da universidade: espaço e criação da memória comunitária no Arruado do Engenho Velho a partir das relações institucionais com o *Campus Recife* da UFPE

Fabiano Lucena de Araujo¹

Resumo

A presente reflexão visa apresentar os processos de constituição espacial da memória dos moradores da comunidade do Arruado do Engenho Velho, a partir das relações institucionais com o Campus Recife da Universidade Federal de Pernambuco, local onde está inserida e cercada pelas construções dos centros de ensino e pesquisa e demais equipamentos, nas imediações do Sítio Arqueológico do Engenho do Meio, reconhecido pelo IPHAN em 1996. O objeto a ser analisado consiste nas formas criativas e contrastivas, ou *mnemotropismos* nos termos de Joël Candau (2002), em que a comunidade promove a memória de sua ocupação espacial, principalmente em interação com sujeitos acadêmicos, arquivos, documentos oficiais e como forma de afirmar seus hábitos rurais de uma população suburbana descendente de trabalhadores da *plantation* canavieira, que testemunhou o crescimento da metrópole (o Recife) englobando seus quintais com um campus universitário. Portanto, está previsto um exame i) das dinâmicas com que a comunidade do Arruado, seus relatos e as memórias de vida, incorporam a história oficial, os arquivos, principalmente a partir da interlocução de Seu Lula Eurico, e acompanham as ações de movimentos sociais (Movimento de Cultura Popular, Movimento Cultural da Várzea) e acadêmicos (projetos de extensão); ii) das diferentes lógicas e possibilidades históricas de ocupação espacial do campus Recife, a partir da investigação de um circuito de produção agrícola instalado na área e a consequente diáspora dos posseiros; iii) das leituras concorrentes ou complementares dos modernismos arquitetônico, regionalista e o articulado pelo ISEB e Movimento de Cultura Popular que produziram a atual configuração do campus Recife da UFPE, a partir do final da década de 40.

Palavras-Chave: Plantationceno, Ruína, Rurbanização, Espaço e Memória, Altermodernidade, Neobarroco.

¹ Doutor em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco <https://lattes.cnpq.br/9903085823147348> <https://ufpe.academia.edu/FabianoAraujo>
<https://orcid.org/0000-0003-0643-1031>
fabiano.laraujo@ufpe.br

Introdução

A presente reflexão visa investigar os processos de constituição espacial da memória dos moradores da comunidade do Arruado do Engenho Velho, a partir das relações institucionais com o *Campus* Recife da Universidade Federal de Pernambuco, local onde está inserida e cercada pelas construções dos centros de ensino e pesquisa e demais equipamentos, nas imediações do Sítio Arqueológico do Engenho do Meio, reconhecido pelo IPHAN em 1996. O objeto a ser analisado consiste nas formas criativas e contrastivas, ou *mnemotropismos* nos termos de Joël Candau (2002), em que a comunidade promove a memória de sua ocupação espacial, principalmente em interação com sujeitos acadêmicos, arquivos, documentos oficiais e como forma de afirmar seus hábitos rurais de uma população suburbana descendente de trabalhadores da *plantation* canavieira, que testemunhou o crescimento da metrópole (o Recife) englobando seus quintais com um *campus* universitário. A formação da comunidade está ligada ao contexto espacial instalado no antigo Engenho do Meio (com registros históricos de sua atividade desde o século XVI)² e, posteriormente, através da ocupação dos trabalhadores da extinta Usina Meio da Várzea (ativa entre 1904-1937), cujo núcleo familiar mais antigo tem ascendência direta do primeiro prefeito universitário da UFPE, Manoel Quirino de Souza, nomeado pelo próprio reitor e fundador do *Campus*, Joaquim Amazonas (1879-1959), último proprietário e morador da casa grande integrada a esta instituição.

Demolida na época de fundação da então Universidade do Recife (UR, final da década de 40)³, a casa grande foi sede de fatos históricos importantes, como a Insurreição Pernambucana (1645-1654) contra a ocupação holandesa e o local abriga uma estátua que recorda o fato, representando o senhor de engenho e líder militar do movimento, João Fernandes Vieira (1610-1681), além de um dos primeiros proprietários do Engenho do Meio, acontecimento que o monumento evoca. Conforme foi constatado, mediante pesquisa etnográfica do autor, requisito para a obtenção do título de Doutor em

2 Mello, Evaldo Cabral de. O Bagaço de Cana: os engenhos de açúcar do Brasil. Penguin & Companhia das Letras. São Paulo, 2012.

3 Soares, Alan Castro. O Arruado do Engenho do Meio (Campus Recife - UFPE): um olhar a partir da Nova Museologia. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Museologia) - Universidade Federal de Pernambuco; Recife, 2018.

Antropologia⁴ que abrangeu os movimentos sociais e comunitários do Bairro da Várzea (onde a UFPE e a comunidade do Arruado estão localizados), a despeito da considerável importância histórica e da comprovada ocupação dos seus atuais moradores, anterior à fundação do *Campus*, a comunidade tem enfrentado diversos processos de intimidação que contrariam a posse de suas casas, como a frustrada ação de reintegração de posse pelo Tribunal Regional Federal da 5ª Região em 2008⁵, além das dificuldades relacionadas ao acesso ao entorno e à infraestrutura oferecida pela Universidade, cuja expansão e manutenção do seu ambiente acadêmico é realizada sem avaliar impactos nas condições de vida dos moradores, como acontece com o fechamento dos portões mais próximos e a construção de um laboratório do Centro de Tecnologia que obstruiu uma das vias de acesso à comunidade em 2014.

Considerando-se a imersão do autor neste contexto comunitário e acadêmico, simultaneamente, percebeu-se que as relações institucionais tensas do Arruado com o *Campus* Recife estão sendo contrabalançadas em relações de insurgência e colaboração. Principalmente, a partir da aproximação com pesquisadores e projetos ou atividades de extensão universitária, que têm se efetuado mais ou menos desde 2012, em parceria com o Movimento Cultural da Várzea, MCV⁶, envolvendo artistas, estudantes, professores e

4cf. Notícia SIGAA UFPE: Tese defendida em 26/08/2022 no Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Pernambuco *Atlas de Figuras Baldias: a produção cultural de imagens-ruína e a estética do luto pela cidade no Recife contemporâneo*. Disponível em <https://attena.ufpe.br/handle/123456789/52248>

5 Ementa: "civil e processual civil. ação de reintegração de posse. UFPE casa residencial construída no campus universitário. Posse dos réus anterior à venda dos terrenos à universidade. Prova do domínio pela UFPE. princípio da fungibilidade dos interditos possessórios. interpretação restritiva. - No presente feito, a UFPE não conseguiu se desincumbir do ônus de provar a sua posse anterior a dos réus/apelados, não preenchendo, assim, o requisito previsto no inciso I do art. 927 do CPC. Ao ajuizar a contenda, procurou apresentar documento que provasse o seu domínio sobre o terreno, - escritura de compra e venda de vários lotes de terrenos da propriedade Engenho do Meio da Várzea - mas tal não se prestou a provar a sua posse anterior à dos réus.. Apelação e remessa obrigatória improvidas." (TRF-5 - AC: 415757 PE 0035558-13.2007.4.05.0000, Relator: Desembargador Federal José Maria Lucena, Data de Julgamento: 11/12/2008, Primeira Turma, Data de Publicação: Fonte: Diário da Justiça - Data: 13/02/2009 - Página: 182 - Nº: 31 - Ano: 2009). Disponível em: https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/trf-5/8185874/inteiro-teor-15176044?fbclid=IwAR2kKNpx3RJow3TGOKUY5jL4q_sdbvRyZ_NgiOY8aPjLcuf5H933x_cvjI Acesso em maio de 2023.

6 Com influências assumidas do Movimento de Cultura Popular, cujo programa de ações foi implementado no *Campus* Recife e no Bairro da Várzea no começo dos anos 60. São interlocutores de uma tradição acadêmica da extensão universitária relacionada à atuação de Paulo Freire e Jomard Muniz de Britto no Serviço de Extensão Universitária da Universidade do Recife/SEC/UR e com o Plano Nacional de Alfabetização/ PNA nos anos 60 e, também, na gestão de Ariano Suassuna como diretor do Departamento de Extensão Cultural entre 1969 e 1975, o que favoreceu a consolidação do Movimento Armorial como programa cultural (Araujo, 2022).

representantes de comunidades do bairro da Várzea, articulado à extensão universitária da UFPE, por meio da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura PROEXC e o NEAFI - Núcleo de Educação Integral e Ações Afirmativas, coordenado pela Professora Me. Ana Emília Castro, o Laboratório de Educação Patrimonial –LEDUP – do Departamento de Arqueologia da UFPE, pelo Prof Dr. Ricardo Pinto de Medeiros. Nestas ações, em desenvolvimento, foram organizados inventários participativos com o intuito de levantar referências do patrimônio cultural, material e imaterial, relacionadas ao Bairro da Várzea e à comunidade do Arruado, exposições, mapas afetivos, vídeos, palestras, *lives* e apresentações culturais, de modo a chamar atenção do público acadêmico para os desafios enfrentados pela comunidade, como o seu apagamento dos mapas institucionais dos folhetos e manuais para calouros⁷, que indicam o Museu de Oceanografia e a Concha Acústica, mas não o Arruado, nem seu sítio arqueológico, situado entre eles, e, até recentemente, não havia menção à comunidade no mapa do site da plataforma google⁸, como apontou Alan Soares (2018).

O principal interlocutor da comunidade, responsável pela coleta dos relatos de vida dos moradores e por levantar referências culturais, estabelecendo intensa comunicação com o autor e os supracitados pesquisadores dos grupos acadêmicos, é Seu Lula do Arruado, cronista da comunidade, servidor aposentado do Fórum de Recife, compositor, poeta e integrante do Bloco Líricos Flores do Capibaribe, que reúne em seus vários blogs⁹ pessoais, uma robusta documentação de fatos relacionados à comunidade, além do registro dos testemunhos de seus antigos moradores já falecidos, dentre os quais, o líder comunitário Maurício Peixoto, neto de Manoel Quirino e articulador do Movimento de Resistência Popular do Arruado do Engenho Velho da Várzea ou MRP-Arruado, organizado em junho de 2014. Maurício Peixoto é o autor da expressão “o Arruado é o barroco dentro da Universidade”, que traduz o contexto da localização da comunidade entre as ruínas do Engenho do Meio, nos restos da Usina Meio da Várzea, na

7 Mapa de coleta de resíduos (2019) elaborado pela Diretoria de Gestão Ambiental <https://www.ufpe.br/documents/1523864/1524082/Mapa+dos+coletores+15-10-19/059a22ab-d4a3-4299-a3eb-3cd26835feb2> e Mapa recente para Calouros <https://www.passeidireto.com/arquivo/55864857/detalhes-campus-ufpe-recife>

8 O que foi corrigido: https://www.google.com/maps/d/u/0/viewer?mid=1_68jZN-syL5IAHBBFFgKqHyMzP0&hl=en_US&ll=-8.054217362229597%2C-34.9505703937236&z=17

9 euliricoeu.wordpress.com, <https://seululadoarruado.wordpress.com/>, <https://euliricoeu.blogspot.com/>, <https://amaarruado.wixsite.com/arruado>

persistência de certos costumes rurais pelos moradores da comunidade que entram em choque com a paisagem modernista do Campus da UFPE, instituição que nem sempre reconhece a importância deste patrimônio cultural, a despeito de alguns setores progressistas a defenderem em atividades de extensão, como exposto acima. Seu Lula do Arruado, em seu blog euliricoeu.wordpress.com, diversas vezes apresentou as queixas da comunidade sobre o fechamento dos portões da UFPE, sobre a qualidade da água, a oscilação da rede elétrica e em 2017 em texto que divulgou a petição Reitor Anísio Brasileiro da UFPE: E o Arruado?¹⁰

Tendo-se em vista o contexto observado, brevemente apresentado, alguns questionamentos e reflexões teóricas da literatura pertinente ao campo pesquisado podem ser suscitadas. Primeiramente, a interface revelada na produção cultural relacionada à extensão da UFPE sobre a comunidade do Arruado que proporciona, estrategicamente, uma apropriação pela comunidade das ferramentas letradas, existe a tradução do “popular” para a esfera intelectual do ambiente acadêmico, e vice-versa, para evocar a questão da circularidade cultural entre o popular e o erudito em Mikhail Bakhtin (1999) e Carlo Ginzburg (Kushnir, 1991). A respeito dessa relação conflituosa e ao mesmo tempo colaborativa com alguns setores da universidade, não podemos deixar de perceber uma *demarcação socioespacial* que permite delimitar as práticas e a convivência entre os sujeitos envolvidos dentro do *Campus Recife*, para além do Arruado. Os chamados *contra-usos*, expressão pela qual, Rogério Proença Leite (2007), utiliza para identificar uma demarcação socioespacial das diferenças, em oposição aos usos hegemônicos da cidade, no intuito de fazer uma aproximação com a noção de tática de Michel de Certeau (2008), ao reconhecer que, na falta de um lugar próprio pelos sujeitos dominados, lugar este que é também concebido de modo estratégico pelos sujeitos dominantes, poderá haver uma leitura ou apropriação particular deste contexto, por parte dos dominados, que é imprevista pelo planejamento estratégico ou gentrificação, como se sucedeu na revitalização do Bairro do Recife, por exemplo. Em diálogo com estas formulações historiográficas a respeito da agência subalterna e as leituras concorrentes de um legado modernista sobre o território físico e simbólico do campus universitário, as mobilizações

¹⁰https://secure.avaaz.org/community_petitions/po/Reitor_Anisio_Brasileiro_de_Freitas_Dourado_Reitor_Anisio_da_UFPE_E_o_Arruado/?cZZGheb

criativas das disposições da memória ou mnemotropismos de Candau (2002), permitem entrever disputas narrativas e apropriações das fontes oficiais que serão aqui abordadas.

Portanto, a disposição dos objetos de análise prevê um breve exame inter-relacionado i) das dinâmicas com que a comunidade do Arruado, seus relatos e as memórias de vida, incorporam a história oficial, os arquivos, principalmente a partir da interlocução de Seu Lula Eurico, e acompanham as ações de movimentos sociais (Movimento de Cultura Popular, Movimento Cultural da Várzea) e acadêmicos (projetos de extensão); ii) das diferentes lógicas e possibilidades históricas de ocupação espacial do *campus* Recife, a partir da investigação de um circuito de produção agrícola instalado na área e a conseqüente diáspora dos posseiros; iii) das leituras concorrentes ou complementares dos modernismos arquitetônico, regionalista e o articulado pelo ISEB e Movimento de Cultura Popular que produziram a atual configuração do *campus Recife* da UFPE, a partir do final da década de 40.

Altermodernidade e ruínas (neo)barrocas¹¹: o Arruado como território de insurgência espaço-temporal no plantationceno

Enquanto desdobramento da pesquisa defendida que resultou em tese (Araujo, 2022), vamos propor por aqui, a partir de agora, uma tentativa de aprofundar a compreensão sobre as respostas culturais e modos de ocupação espacial de lugares degradados ou projetados para a invisibilidade, tomando como exemplo a comunidade do Arruado. As iniciativas de resistência ao processo de apagamento, seja por iniciativa de uma fração engajada e dominada da classe artística e intelectual, ou seja pela classe trabalhadora subalterna, aos processos de modernização, que são formas de relativizar um abatimento definitivo ou inação derivado da acepção eminentemente negativa das ruínas, o que chamei de *desruinar*. A contribuição científica deste conceito reside em chamar atenção para a possibilidade de explorar alguns aspectos do campo da

¹¹ O termo neobarroco remete à acepção de Omar Calabrese (1987) a respeito da pós-modernidade, quando a dinâmica simbólica desta época reproduz a tensão persistente entre o clássico e o barroco, por exemplo refletido na contradição coexistente e estimulada entre o excesso imagético emocional e a austeridade formal racional vigentes na atualidade enquanto princípios norteadores das formas expressivas. O que remete também à análise benjaminiana da coexistência entre seriedade apolínea e a ludicidade dionisíaca nos jogos de luto/*trauerspiel* do drama barroco alemão e o deslocamento de sentidos provenientes das alegorias que alternada e simultaneamente evocam a extrema limitação física e imanente (a morte) e o alcance transcendental do reino dos céus (Bolle, 1988), o transcendente imanentizado sugerido por Michel Maffesoli (2004).

antropologia da memória proposto por Joël Candau, como as interfaces entre memória e patrimônio, memória e identidade, monumento e contramonumentos, lugares de memória e lugares de amnésia, relatos, memórias de vida e acontecimentos exatos dos arquivos, buscando identificar os “marcos sociais”, a relação ou o sistema inter-relacionado de relatos individuais embasados numa topofilia pelo contexto espacial original das memórias (Candau, 2002).

No que toca os sentidos específicos das práticas culturais marginais e emergentes, uma “tradição” contra o pessimismo sentimental foi inaugurada por Sahlins (1997), no sentido de uma postura teórica contrária a uma “retórica da perda” (Gonçalves, 1996), urgência que visa patrimonializar e registrar todas as culturas “exóticas” antes que desapareçam, incide na observação dessas formas de resistência sob a ameaça constante ou a precariedade, enquanto respostas culturais locais, adaptações que constituem formas de *indigenização da modernidade* que explicam novas configurações globais das tradições empregadas por sujeitos em contextos transnacionais. Ou, em termos alternativos, outras leituras dos modernismos, como as implantadas na Região Nordeste, alinhando-se aos estudos dos “modernismos sem entraves” que Huyssen (2014, p. 29 e 35) discerniu como uma matriz cultural baseada numa “cultura tradicional ou autóctone e moderna”, em contraste com as outras três demarcações formuladas por ele: “cultura nativa e popular nacional, culturas subalternas ou das minorias e a cultura midiática transnacional”, ou seja um aporte intelectual específico e regional/nacional dos países subalternos e colonizados sobre o cânone modernista. E, especificamente, para enquadrar a discussão, a evocação da influência persistente dos modernismos no contexto chamado contemporâneo ou pós-moderno, admite uma posição crítica para além do universalismo das vanguardas e utopias modernistas e do relativismo multicultural pós-modernista, levantando especificidades eletivas a partir das condições e demandas atuais, o que Borriaud (2009) classifica como altermodernidade.

A percepção voltada à afirmação dessas realidades culturais dominadas, não deixa de evocar o que Mignolo (2017) argumenta sobre a outra face obscura da modernidade global é a colonialidade, noção extraída do pensamento de Aníbal Quijano que reflete a condição colonial para além de uma relação direta com a política de colonialismo, da expansão europeia ultramarina ao momento da partilha da África no imperialismo do século XIX, mas como consequências culturais, políticas e econômicas fortes o

suficientes para sustentar um paradigma de pensamento e uma divisão de trabalho global (intelectual, econômica, política) após a extinção do regime colonial e a independência das nações exploradas. Este necessário contraponto permeia, nesse caso, a herança colonial da *plantation*¹² canavieira, sistema agrícola baseado em uma monocultura de exportação, latifúndios e emprego de mão de obra escrava que ainda configura o espaço da comunidade: as casas dispostas ao redor da casa grande extinta, o monumento dedicado ao seu antigo senhor de engenho, o traçado do caminho que corta a comunidade e que forma o sítio arqueológico que guarda os rastros daquele período e consolida a importância do local para a história oficial.

Sob uma perspectiva histórica que influencia o contexto ambiental, para além dos usos espaciais e das criações da memória dos moradores do Arruado, podemos acionar a discussão a respeito das consequências ecológicas da ação humana, especificamente a que organiza a uma ecologia-mundo multiespécie, situada e capitalista, nos termos de Jason Moore (2022) e Donna Haraway (2016), que assimilam o chamado antropoceno - um grau irreversível de alterações planetárias que culminaram numa era geológica provocada pelos humanos - a um capitaloceno, a “Era do capital” ou *plantationoceno*, repercutindo a especificidade da situação colonial como fator que orienta a atual constituição de uma concepção de mundo que impulsionou a formação do modo de produção capitalista. A diversidade das culturas e o caráter multiespécie das formas de vida sob a vigência dessa ecologia-mundo e sistema econômico dominantes, embora estejam sob constante ameaça de extinção, ainda articulam formas dinâmicas de agência para contornar o impacto ambiental e político, que se influenciam mutuamente, como a pandemia de Covid-19 evidenciou.

Sobre a emergência de uma paisagem multiespécie no *plantationoceno* que cresce num terreno de ruínas pós-coloniais dos projetos modernos, Anna Tsing (2019) relaciona a diversidade cultural à ecológica, ao analisar a *plantation* como primeiro exemplo de aplicação de uma economia escalável, ou seja, programada para expansão infinita de acordo com princípios de design de precisão, que ela chama de “aninhada”, ou seja, que prevê um crescimento sem alteração do projeto original e sem considerar influências externas pela indeterminação das contingências provocadas nas relações interespecíficas e interculturais com elementos não sociais da paisagem (*Nonsoels, nonsocial landscape*

12 Fausto, Boris. História do Brasil. 12 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

elements). Estes elementos, segundo a antropóloga estadunidense, resistem e ressurgem em contextos econômicos e macropolíticos não desenhados para recebê-las, como por exemplo, as populações africanas transplantadas de um continente estrangeiro para o trabalho escravo durante a situação colonial latinoamericana e, do mesmo modo, os clones de cana de açúcar e, no período da Guerra Fria, o cogumelo Matsutake em florestas degradadas pela exploração madeireira em solos pobres de nutrientes no Noroeste Pacífico dos Estados Unidos.

Outros conceitos pertinentes convergem com as reflexões do autor e com o campo da antropologia da memória, como os de *confiscação/movimentos anti-confiscatórios e insurgências* de Jorge Mattar Villela (2020 p. 282), os quais discernem a alteridade que repousa sobre os princípios de distinção de uma coletividade (a memória, a atenção, o ritmo e sua noção de tempo), em contraste com uma monocultura da ecologia-mundo que visa “confiscar os tempos, eliminar os ritmos, inventar a cadência, alinhar corpo e máquina industrial, reagrupar os sentidos e as atenções.”

Outro desdobramento de análise, com objetivos mais específicos, está voltado para a confluência ou os desencontros das diferentes leituras modernistas que formularam a concepção arquitetônica do *campus* Recife, o entorno da comunidade do Arruado, assim como as iniciativas artísticas e intelectuais dos movimentos culturais - o Movimento de Cultura Popular nos anos 60, o regionalismo de Gilberto Freyre - que disputam a interpretação do legado modernista na cidade do Recife até hoje, conforme pudemos constatar na tese, acerca de um embate entre correntes modernistas sobre o caráter nacional-popular¹³ e a identidade brasileira/ pernambucana. No contexto de formação do

13 Segundo Renato Ortiz (1994), primordialmente, a evocação da cultura popular para representar a identidade nacional constitui uma apropriação deliberada pelos intelectuais de países periféricos (Europa meridional, Alemanha) e ex-colônias europeias, como é o caso brasileiro, para constituir um esforço de delimitação romântica da especificidade cultural destes territórios, partindo-se de uma posição que consagra a autenticidade das manifestações culturais tradicionais em detrimento da situação econômica e tecnológica desfavorável, ou seja da modernização deficiente. Nesta perspectiva inicial, o desenvolvimento de uma defesa das manifestações culturais tradicionais assume uma vertente de pesquisa folclorista que atende a um pressuposto conservador da ordem hegemônica que defende a manutenção do status quo oficial e esclarecido dos intelectuais e das classes oligárquicas com destacado papel de exaltação do rural, do agrário e de toda a estratificação de classes decorrente da ordem tradicional rígida. No Brasil, estes intelectuais que assumem a ordem folclorista, que valoriza um contexto pré-moderno e arcaico são, principalmente, representantes de uma visão do Nordeste enquanto região resistente às transformações modernizadoras concentradas na região Sudeste e, portanto, um local pitoresco de salvaguarda das definições espontâneas e legítimas da nacionalidade. Ortiz (1985, 1994) sublinha que a leitura do paradigma nacional-popular possui duas linhagens principais: i) a tributária do folclorismo e da ideologia da mestiçagem de Sílvio Romero e Celso Magalhães no final do século XIX, que é seguida, a seu modo, por Gilberto Freyre e ii) a articulada pelo ISEB a partir dos anos 50 e o Grupo de Itatiaia (Hélio Jaguaribe, Roland Corbisier, Rômulo de

campus Recife, é conhecido o fato de que o reitor Joaquim Amazonas convocou o arquiteto italiano Mario Russo para comandar o Escritório Técnico da Cidade Universitária (ETCU), propor o plano urbanístico modernista do campus e projetar edifícios neste estilo, entre 1949 e 1955, o qual incorporou a vontade do reitor de um encontrar um uso para a casa grande no plano diretor, assim como de um horto universitário no local onde está situado o Arruado, o que não foi seguido nos planos seguintes (1951 e 1955), com a demolição do imóvel (Cabral, 2006; Costa 2016). Esta informação sinaliza para uma manutenção dos hábitos rurais no contexto do *campus*, como é defendido por Seu Lula do Arruado¹⁴, diversas vezes em seu blog, a respeito de uma diáspora dos posseiros que cultivavam lavouras na área concebida para a instituição federal:

[...] existem as muitas versões da história oral, que colhemos dos moradores mais velhos e dos que pertencem ao que chamo de “pequena diáspora” do Engenho Velho. [...] Trechos de conversas, entrevistas e depoimentos também irão preenchendo lacunas, dessa que vai ser *a minha versão narrativa*, do que eu chamo de a intra-história do lugar chamado de Arruado do Engenho Velho. Lembram de que a sul do Engenho Velho havia um canavial? Aquele em que matariam o padre Henrique, em maio de 1969. Lembraram? Bem, para os que não viram, eu conto. Era um canavial espesso e ainda fértil, numa terra roxa e descansada, há muito sem as queimadas, pois, na década de 1960, antes do golpe [*militar*], pertencia ao IPEANE (Instituto de Pesquisa Agropecuária do Nordeste). Começava ali, onde hoje fica o Colégio Militar e se estendia até os limites do atual Quartel da PE. Essas terras faziam limite com as do antigo Engenho São Sebastião, depois chamado de Engenho Curado, a sul da casa grande do Engenho do Meio, desde meados de 1625, talvez, bem antes, ainda ao tempo da chegada do colonizador português, que, encontraram, nesse solo de massapê, bom lugar para o cultivo da cana de açúcar. O limite oeste era o Engenho São João; a norte, o Engenho Brum, depois chamado de Sítio Partido do Ouro, ou, dos Baracho. A leste, onde seria erguido o forte do Arraial Novo do Bom Jesus, era o limite com as terras do Engenho Torre. Um

Almeida, Cândido Mendes de Almeida, Inácio Rangel e Evaldo Correia Lima, dentre outros), cuja ideologia era desenvolvimentista e reformista, partindo de uma visão mais politizada, emancipadora e crítica da situação colonial e da dependência econômica estrangeira. Esta segunda visão do nacional-popular desloca o sentido de popular das manifestações “folclóricas” para a conscientização geral da subalternidade e do subdesenvolvimento, no intuito de promover uma unidade política entre intelectuais e a classe trabalhadora camponesa (rural) e operária (urbana). Essa vertente influenciou, a partir dos anos 60, a formação marxista dos Centros de Cultura Popular, originalmente associados à União Nacional dos Estudantes no Estado da Guanabara (Rio de Janeiro), assim como a formação católica de esquerda do Movimento de Cultura Popular no Recife.

¹⁴<https://euliricoeu.wordpress.com/2020/03/27/a-meia-verdade-dos-jornais-e-a-memoria-do-povo-do-engenho-velho-da-varzea/> <https://euliricoeu.wordpress.com/2020/10/24/esbulho-e-usurpacao-na-pequena-diaspora-do-engenho-velho/> <https://euliricoeu.wordpress.com/2016/09/18/dos-brincantes-rurais-aos-remedios-no-engenho-que-virou-ufpe/>

caminho que ligava o forte com a Várzea ainda tem um trecho preservado, dentro do campus da UFPE. Nele foram erguidas as casas do Arruado.¹⁵

E as resistências destes hábitos rurais numa área urbanizada anteriormente subúrbio rural, também dialoga com a ideia de *Rurbanização* do “regionalismo, a seu modo, modernista” de Gilberto Freyre (1982, p. 57 e 107), “uma conciliação dos antagonismos, situação intermediária entre o rural e o urbano” “um desenvolvimento socioeconômico que combina valores e estilos de vida rurais e valores e estilos de vida urbanos”, “um desenvolvimento que junte o técnico ao telúrico”.

No tocante à mencionada *intra-história do lugar chamado de Arruado do Engenho Velho*, a própria configuração dos relatos documentados por Seu Lula do Arruado constituem um arquivo muito rico para coligir informações primárias, contendo documentos como fotografias, certidões digitalizadas, vídeos com depoimentos e matérias jornalísticas sobre os moradores da comunidade. Sobre esse anacronismo e a constituição espacial e temporal em “colcha de retalhos” que caracteriza a etnografia multissituada realizada, obteve-se em interlocução com os sujeitos abordados durante a pesquisa, paralelamente ao exercício do trabalho de campo, intensa consulta aos exemplares digitalizados do jornal Diário de Pernambuco depositados na Coleção Digital de Jornais e Revistas da Biblioteca Nacional ou Hemeroteca Digital Brasileira, o site da mantido pela Fundação Joaquim Nabuco¹⁶ e o banco de imagens da instituição para averiguação dos eventos e fatos citados nos depoimentos, constituindo-se, assim, um segundo corpus de informação, o arquivo do etnógrafo, além do interlocutor, Seu Lula do Arruado. Outros arquivos já citados, como os do Tribunal Regional da 5ª Região (sobre a Ação de Reintegração de Posse) e os da própria Universidade, os quais segundo Seu Lula podem ter informações sobre os primeiros moradores do Arruado que foram nomeados para cargos na gestão do primeiro reitor, Joaquim Amazonas, Sr. Manoel Quirino e Sr. Francisco de Melo¹⁷:

¹⁵ Relato de Seu Lula do Arruado: Disponível em <https://seululadoarruado.wordpress.com/2016/01/04/os-souza-do-engenho-velho/> Acesso em maio de 2023.

¹⁶ Diário de Pernambuco [http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&Pesq=Villa Digital](http://memoria.bn.br/DocReader/docmulti.aspx?bib=029033&Pesq=Villa%20Digital) <https://villadigital.fundaj.gov.br/> e Núcleo de Digitalização <http://digitalizacao.fundaj.gov.br/fundaj2/> Acervo Arquivo Público/MISPE https://www.acervo.arquivopublico.pe.gov.br/index.php/informationobject/browse?repos=158079&sort=referenceCode&mediatypes=&sf_culture=en&topLod=0

Continuo encafifado com as questões heurísticas que envolvem um fato: como se deu o povoamento do que hoje é chamado de Engenho Velho. Mais precisamente de como surgiu este arruado de trabalhadores do antigo Engenho do Meio da Várzea, que foi ficando isolado do restante do arrabalde da Várzea do Capibaribe, quando foi surpreendido pela construção, há 70 anos atrás, da Universidade do Recife, atual UFPE. [...] A minha hipótese de trabalho se fundamenta em certa versão da história que vem sendo contada, repetidas vezes, pelos atuais moradores do, assim chamado, Arruado do Engenho Velho. A narrativa dos habitantes mais antigos é o elemento da minha proposta de análise heurística, ou seja, da descoberta de fontes ou documentos que comprovem, de certo modo, essa história oral, que prefiro chamar de intra-história, que não acharemos escrita em documentos oficiais, mas, inscrita nas tradições e costumes, nas festas, nas crenças, no imaginário de uma vestigial cultura barroca, herdada dos senhores de engenho [...] Partindo do pressuposto de que Manoel Quirino passou a ser funcionário federal, em um tempo que não havia concurso público e as nomeações eram feitas pelo próprio Reitor, deve haver uma ficha funcional, localizada em algum arquivo de departamento de pessoal, ou mesmo, recibos de pagamento, contracheques, como se diz hoje em dia. Esse é um bom caminho para a comprovação heurística das atividades do primeiro “prefeito” da UFPE. [...] Aos que duvidam da ligação entre o Engenho do Meio e a Universidade, não só Manoel Quirino, como outros agricultores dessas terras chegaram a trabalhar nas obras e depois na própria Universidade. Há também o caso do Sr. Francisco de Melo, morador do Arruado, que já era funcionário da Faculdade de Economia, quando esta ainda funcionava no centro do Recife. Os pais do Sr. Chico de Melo já lavravam a terra das margens do Riacho Cavouco, muito antes da chegada das obras da Cidade Universitária. Um bom exercício de heurística seria buscarmos as fontes documentais no Arquivo Geral da UFPE, onde devem estar guardados os registros do que narram as memórias dos familiares de Manoel Quirino e Chico de Melo.

Como pode-se depreender, o próprio Seu Lula do Arruado sugere como frente de investigação possível uma imersão arquivística tendo como orientação os relatos orais dos moradores, base de sua infra-história, que devem ser confrontados tanto com o oficial, quanto à herança de um “imaginário de uma vestigial cultura barroca, herdada dos senhores de engenho”. Para um plano de etnografia de/ em arquivos, trata-se da reconstituição da ocupação espacial das práticas agrícolas no *campus*, conforme já foi exposto a partir da análise do processo de aquisição das terras dos posseiros, mediante consulta aos documentos de compra e venda de imóveis adquiridos pela Sociedade

¹⁷Disponível em <https://euliricoeu.wordpress.com/2016/06/16/manoel-quirino-um-elo-entre-dois-tempos/> Acesso em maio de 2023.

Terrenos e Construções do Engenho do Meio LTDA, a partir de 1948, mantidos no Departamento de Documentos de imóveis da UFPE, conforme sugeriu a pesquisa de Alan Soares (2018). Do mesmo modo, Seu Lula do Arruado refere-se ao processo de diáspora dos posseiros que não foram indenizados, cujos lotes esparsos de 10 hectares citados em uma matéria do Diário de Pernambuco de 1948 assinalada em seu site, não foram adquiridos pela Sociedade Terrenos e Construções do Engenho do Meio LTDA ou estes posseiros não tinham recibos comprovando “que pagavam uma espécie de percentual sobre a venda da lavoura, aos prepostos da família Amazonas, até meados de 1970”¹⁸. O morador do Arruado que formula as indagações acima, ainda questiona, segundo relatos de alguns moradores, a narrativa de que a família Amazonas doou algumas terras para os atuais ocupantes, contradizendo as informações do jornal e do Departamento de Documentos de Imóveis da Ufpe. No entanto, como propõe Candau (2002, p. 104), esta distância entre fato e relato é matéria prima do campo da antropologia da memória, o que desafia o rigor científico, suscitada pelo desencontro de informações entre os acontecimentos exatos das fontes primárias e da documentação disponível e a versão dos relatos da memória dos atores sociais, uma vez que as representações do passado, as crenças e lógica cultural que interpreta os fatos também é objeto de pesquisa, fundamental para as reflexões teóricas deste campo e que constitui as criações ou as poéticas das memórias:

Sin embargo, sería erróneo querer evaluar los relatos de vida a partir de los criterios de verdad y falsedad y rechazar pura y simplemente las anamnesis que no parezcan creíbles porque, por una parte, “lo que uno dice de sí mismo siempre es poesía” y, por otra, como en toda manifestación de la memoria, existe una verdad del sujeto que se dice en las distancias visibles entre la narración (la memoria restituida, las maneras de “dar por verdadero”) y la “realidad” de los acontecimientos. Finalmente, desde la perspectiva de una antropología de la memoria, la existencia de estas distancias presenta un interés especial pues permitirían comprender mejor los procesos complejos que acompañan en primer término a la memorización y, luego, a la rememoración. El recuerdo tal como aparece en el relato de vida nos permite ver que la memoria también es un arte de la narración. (Candau, 2002, p. 104).

¹⁸<https://euliricoeu.wordpress.com/2020/03/27/a-meia-verdade-dos-jornais-e-a-memoria-do-povo-do-engenho-velho-da-varzea/>

Para além dos vestígios, ruínas e a dimensão contraditória que o barroco sugere no título desta comunicação, o mnemotropismo enquanto contraste da agência e apropriação criativa da memória dos moradores sobre as fontes históricas oficiais, evoca a situação supracitada da reivindicação de interlocução entre acadêmicos e os saberes locais informais, segundo a herança do O Movimento de Cultura Popular (MCP), marco político e referencial teórico-pedagógico que Seu Lula e seus colaboradores extensionistas trazem, constantemente, para situar suas atuações. O MCP era uma organização da sociedade civil formada por um grupo de artistas e intelectuais, que contava com o apoio oficial de Miguel Arraes na Prefeitura de Recife (1º de janeiro de 1960 a 1º de janeiro de 1963) e no Governo estadual, entre 31 de Janeiro de 1963 a 2 de abril de 1964. A proposta do MCP era “educar para a liberdade” a partir da sistematização de atividades pedagógicas de instrução e de promoção da acessibilidade aos bens culturais e conscientização da cidadania política, conforme resume Germano Coelho (1964), o principal ideólogo e presidente do movimento em depoimento:

O Movimento de Cultura Popular é uma sociedade civil criada com o apoio da Prefeitura Municipal do Recife para "promover e incentivar, com a ajuda de particulares e dos poderes públicos, a educação de crianças e adultos" e "proporcionar a elevação do nível cultural do povo". Nasceu o MCP no Recife, cidade proletária. No Recife da insurreição pernambucana. Do nativismo. Da abolição. Das revoluções libertárias. Nasceu do ascenso das forças populares. Da organização das massas urbanas, que se fizeram representar nos postos chaves do governo e da administração. Tem sua sede nas terras históricas do Arraial do Bom Jesus, e guarda também o mesmo espírito de luta. De autodeterminação. De fidelidade às tradições culturais do país. De responsabilidade quanto à sua independência definitiva. É um órgão de caráter técnico, rigorosamente apolítico e pluralista, segundo o modelo da UNESCO, porquanto não discrimina filosofia, credo ou convicções ideológicas. É um lúcido esforço da comunidade inteira – populares, estudantes, intelectuais, particulares e poderes públicos – para acelerar a elevação do nível material e espiritual do povo, através da educação e da cultura. Nunca do assistencialismo, do empreguismo, de eleitoralismo. Porque a obsessão do MCP é educar para a liberdade. Para a autonomia. Para a maioria. Educar não só a criança. Mas o adolescente. E também o adulto. Educar através de escolas comuns. Educar, recorrendo a processos informais, nas praças públicas e em plena rua. Educar pelo rádio. Pelo cinema. Pela televisão. Pela imprensa. Educar, explorando novos métodos e técnicas de educação. Experimentando. Adaptando. Criando. Educar, recriando. Educar, informando. É assim a escola do MCP. A escola desburocratizada. Gratuita. Tecnicamente orientada.

Descomercializada, porque não transfere, sob quaisquer pretextos, recursos que são para a educação. Desalienada. Regionalizada. Popular, porque voltada para a emancipação do povo. Alfabetizando. Educando. Transmitindo a cultura. Profissionalizando. O Movimento de Cultura Popular nasceu da miséria do povo do Recife. De suas paisagens mutiladas. De seus mangues cobertos de mocambos. Da lama, dos morros e alagados, onde crescem o analfabetismo, o desemprego, a doença e a fome. Suas raízes mergulham nas feridas da cidade degradada. Fincam-se nas terras áridas do Nordeste. Refletem o seu drama, como ‘síntese dramatizada da estrutura social inteira’.” (Coelho, 1964, p. 3)

O Arraial Velho do Bom Jesus ou Sítio da Trindade era o quartel general do Movimento de Cultura Popular nos anos 60, o Arraial Novo do Bom Jesus e suas ruínas da fortificação de terra tombadas pelo Iphan em 1980, representam para alguns varzeanos um símbolo de continuidade de resistência cultural. Tendo-se em vista que, em 1646, este local foi designado pelo senhor de engenho e chefe militar lusobrasileiro João Fernandes Vieira, para guardar as munições de guerra e de boca das forças de resistência portuguesa, preparando-as para o combate nas duas Batalhas dos Guararapes (1648 e 1649). Como uma identificação quase que imediata, tanto pela relação com a extensão universitária, quanto pela penetração no bairro da Várzea, o Movimento de Cultura Popular nos anos 60 é reivindicado como tradição inspiradora do Movimento Cultural da Várzea: a fotografia exposta é um registro da estátua de João Fernandes Vieira, líder da Insurreição Pernambucana (1645-1654), construída sobre as ruínas da casa grande do Engenho do Meio, cujas terras foram oferecidas pelo primeiro reitor, Joaquim Amazonas, para a construção do Campus I da UFPE. O contexto de feitura da fotografia, ainda revela a faixa para divulgação da segunda edição do Raízes e Vozes da Resistência Cultural Varzeana, evento organizado como projeto de extensão pelo Movimento Cultural da Várzea, em parceria com o NEAFI, em parceria iniciada no ano de 2012 e tendo como um de seus articuladores o professor Dr. Edelson Albuquerque, que publicou a imagem no blog Arraial Varzeano, mantido por ele.



Figura 01: Movimento Cultural da Várzea: Raízes e Vozes da Resistência Cultural Varzeana ii, 2014
Créditos: Ariano, Arraial Varzeano

Considerações Finais

A resistência material e cultural dos moradores, além destes problemas enfrentou a tentativa de reintegração de posse do terreno doado por Joaquim Amazonas aos moradores: “para defender o resto de área verde que ainda existe no campus, especialmente no Arruado do Engenho Velho, essa comunidade fincada dentro da Universidade, em que resistem algumas famílias, em precárias condições, apesar da tentativa de reintegração de posse, frustrada por acórdão do STJ, em meados de 2007.”¹⁹ Lugar repleto de sentidos que evoca um passado de heroísmo das elites canavieiras pernambucanas e de uma opulência econômica, numa acepção romântica que exalta as glórias do passado e também na acepção de alegoria barroca, de acordo com Susan Buck-Morss (2002) em sua leitura sobre o drama barroco alemão em Walter Benjamin, que revela a contradição dialética da ruína, que resiste ao tempo contrabalaneando transcendência mítico-religiosa e a materialidade histórica, o fracasso implacável de um

¹⁹ <https://euliricoeu.wordpress.com/2019/01/28/a-desnatureza-atinge-o-arruado/>

progresso linear exaltado aprioristicamente na evocação de uma plenitude idealizada de outrora.

O vencedor revela sua fragilidade pelo fragmento precário, mas persiste ainda numa identidade local na paisagem multiespécie entre matéria botânica, zoológica e inanimada, como o monumento a João Fernandes Vieira. Contradição na expressão da transitoriedade imanente da natureza e da história contra a idealização transcendental do progresso almejado pelas elites. Esta alegoria barroca foi apropriada pelos movimentos culturais varzeanos, ressignificando as opressões sobre a população negra e índia pelo poder colonial dos lusitanos no contexto das insurgências pernambucanas contra os holandeses e nos movimentos nativistas. As ruínas do engenho, a estátua do português mestre de guerra com seus poderes atenuados pelo tempo, enquanto amuletos de uma história de heróis é metabolizado em sua lembrança, em sua permanência, pelas populações que não usufruíram desse poder e glórias do passado. Como se, agora neutralizados pelo poder do tempo, mas ainda presentes na memória coletiva, segundo uma consagração histórica oficial, esses símbolos do progresso linear do passado colonial eleitos pela perspectiva historiográfica, se igualam na precariedade contemporânea dos povos subjugados.

A apropriação destes símbolos da história dos vencedores no período colonial, pelos artistas e intelectuais dos movimentos culturais varzeanos, que propõem uma circularidade de saberes eruditos da universidade e os populares, acompanha o fato de os intelectuais comunistas e católicos progressistas do Movimento de Cultura Popular nos anos 60 se apropriarem da imagem de resistência e heroísmo dos portugueses e luso brasileiros contra os flamengos para explicar sua sede no Sítio da Trindade/ Arraial Velho do Bom Jesus, em Casa Amarela, no depoimento de Germano Coelho anteriormente exposto: “Nasceu o MCP no Recife, cidade proletária. No Recife da insurreição pernambucana. Do nativismo. Da abolição. Das revoluções libertárias [...] Tem sua sede nas terras históricas do Arraial do Bom Jesus, e guarda também o mesmo espírito de luta. De autodeterminação. De fidelidade às tradições culturais do país.” Lutas históricas protagonizadas pela elite intelectual ou econômica do país, usadas de modo estratégico ou canibalizadas por uma fração da classe artística-intelectual marginal que goza de uma posição ambígua, entre o reconhecimento e a legitimação pelo letramento e a

aproximação, em condições materiais (geralmente de classe média), e em políticas de oposição à cultura hegemônica, com as classes populares.



Figura 02: Pixo anônimo nos tapumes do LITPEG, Registro de Seu Lula Eurico, durante as visitas da turma de Design Social ao Arruado em 2016

Referências

ARAUJO, Fabiano Lucena de. **Atlas de Figuras Baldias**: a produção cultural de imagens-ruína e a estética do luto pela cidade no Recife contemporâneo. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Antropologia. Recife: Edição do Autor, 2022.

ARRAES, Miguel Newton; COELHO, Germano. Que foi MCP? **Arte em Revista**, ano 2, v. 3, 1964. Disponível em <http://forumeja.org.br/df/sites/forumeja.org.br.df/files/depnew.pdf>

BAKHTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 1999.

BOLLE, Willi. A modernidade como "Trauerspiel": Representação da história em W. Benjamín, "Origem do drama barroco alemão". **Revista de História**, [S. l.], n. 119, p. 43-68, 1988. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revhistoria/article/view/18571>

BUCK-MORSS, Susan. **Dialética do Olhar: Walter Benjamin e o Projeto das Passagens**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

CABRAL, Renata. **Mario Russo: um arquiteto racionalista italiano em Recife**. Recife: Editora Universitária da UFPE, 2006.

CANDAU, Joël. **Antropología de la memoria**. Buenos Aires: Nueva Visión, 2002.

CALABRESE, Omar. **A Idade Neobarroca**. Lisboa: Edições 70, 1987.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSTA, Rosali Ferraz da. **Campus Joaquim Amazonas: da relação entre a gestão institucional e a conservação de um patrimônio urbano**. Dissertação – Programa de Pós-Graduação de Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Artes e Comunicação. Recife, 2016.

CUNHA, Olívia Maria Gomes da. Tempo Imperfeito: Uma etnografia do Arquivo. **Revista Mana**, 10(2), p. 287-322, 2004.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 12 ed. São Paulo: Edusp, 2006.

FREYRE, Gilberto. **Rurbanização: que é?**. Recife: Editora Massangana, 1982.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **A Retórica da Perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ; IPHAN, 1996.

HARAWAY, Donna. Antropoceno, Capitaloceno, Plantationoceno, Chthuluceno: fazendo parentes. **ClimaCom Cultura Científica** - pesquisa, jornalismo e arte. Ano 3 - N. 5 / Abril de 2016.

HUYSSSEN, Andreas. **Culturas do Passado-Presente: modernismos, artes visuais, políticas da memória**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

KUSCHNIR Karina. Bakhtin, Ginzburg e a Cultura Popular. **Cadernos De Campo** (SãoPaulo-1991) 3(3), 76-88, 1993 <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v3i3p76-88>

LEITE, Rogério Proença. **Contra-Usos da Cidade: Lugares e Espaço Público na Experiência Urbana Contemporânea**. 2ª ed. Campinas, Editora da Unicamp, 2007.

LOPES, L. L. S.; IPIRANGA, A. S. R. Etnografando Arquivos Históricos: Caminhos Possíveis para Pesquisas em Estudos Organizacionais. **Organizações & Sociedade**, v. 28, n. 96, p. 35-56, 2021.

- MAFFESOLI, Michel. **A parte do diabo**. Trad. Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2004.
- MELLO, Evaldo Cabral de. **O Bagaço de Cana**: os engenhos de açúcar do Brasil. Penguin & Companhia das Letras. São Paulo, 2012.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**. Vol. 32 n° 94 junho/2017.
- MOORE, Jason (org.). **Antropoceno ou Capitaloceno?** Natureza, história e a crise do capitalismo , organizado. São Paulo: Elefante, 2022.
- ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- ORTIZ, Renato. **A Moderna Tradição Brasileira**: cultura brasileira e indústria cultural. 5ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- ROQUE, Ricardo. O arquivo, a coleção e o caçador: autobiografia de uma etnografia histórica, **Etnográfica** [Online], posto online no dia 24 janeiro 2022, consultado o 22 fevereiro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/etnografica/11119>
- SAHLINS, Marshal. “O ‘pessimismo sentimental’ e a experiência etnográfica: porque a cultura não é um ‘objeto’ em via de extinção”. In: **Mana** - Estudos de Antropologia Social do Museu Nacional. Rio de Janeiro, v. 3, n. 1 e 2, UFRJ, 1997.
- SOARES, Alan Castro. **O Arruado do Engenho do Meio** (Campus Recife - UFPE): um olhar a partir da Nova Museologia. Trabalho de Conclusão de Curso; (Graduação em Museologia) - Universidade Federal de Pernambuco; Recife, 2018
- TSING, Anna. **Viver nas ruínas**: paisagens multiespécies no Antropoceno. Brasília: IEB Mil Folhas, 2019.
- VILLELA, Jorge Mattar. Confiscações, Lutas Anti-Confiscatórias e Antropologia Modal In: VIEIRA, Suzane de Alencar; VILLELA, Jorge Mattar. (org.). **Insurgências, ecologias dissidentes e antropologia modal**. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2020.